

Inteligência Artificial (IA) e literatura no póscapitalismo: autonomia criativa ou mercantilização?

Inteligencia Artificial (IA) y literatura en el postcapitalismo: ¿autonomía creativa o mercantilización?

Artificial Intelligence (AI) and literature in post capitalism: creative autonomy or commodification?

LUCAS SOBOLESWKI FLORES¹

Resumo: A Inteligência Artificial (IA) na produção literária levanta questões sobre o equilíbrio entre autonomia artística e mercantilização automatizada. A inserção de algoritmos na criação de textos impacta a originalidade e autoria, promovendo a eficiência, mas também ameaçando a singularidade da arte. Por meio de uma análise crítica, a partir das ideias de autores como Beech (2019), Sinykin (2023) e Kornbluh (2023) discute-se como a IA, ao otimizar processos criativos, pode alinhar-se às demandas capitalistas por produtividade, transformando a literatura em um produto padronizado. No entanto, entende-se que a IA também oferece oportunidades para inovação criativa, permitindo que escritores experimentem novas formas de narrativa. O desafio é que os autores utilizem a IA de forma estratégica, preservando sua autonomia artística e evitando que a tecnologia se torne uma ferramenta de massificação.

Palavras-chave: Inteligência Artificial na literatura; Produção literária; Pós-capitalismo.

Resumen: La Inteligencia Artificial (IA) en la producción literaria plantea preguntas sobre el equilibrio entre la autonomía artística y la

¹ Doutorando em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor do Departamento de Negócios e Comunicação do Centro Universitário Alves Faria (UNIALFA) e relações públicas. E-mail: l.s.flores@outlook.com

mercantilização automatizada. La inserción de algoritmos en la creación de textos impacta la originalidad y la autoría, promoviendo la eficiencia, pero también amenazando la singularidad del arte. A través de un análisis crítico, basado en las ideas de autores como Beech (2019), Sinykin (2023) y Kornbluh (2023), discutimos cómo la IA, al optimizar los procesos creativos, puede alinearse con las demandas capitalistas de productividad, transformando la literatura en un producto estandarizado. Sin embargo, se entiende que la IA también ofrece oportunidades para la innovación creativa, permitiendo a los escritores experimentar con nuevas formas de contar historias. El desafío es que los autores utilicen la IA de forma estratégica, preservando su autonomía artística y evitando que la tecnología se convierta en una herramienta de producción en masa.

Palabras clave: Inteligencia Artificial en la literatura; Producción literaria; Postcapitalismo

Abstract: Artificial Intelligence (AI) in literary production raises questions about the balance between artistic autonomy and automated commodification. The incorporation of algorithms into text creation impacts originality and authorship, promoting efficiency but also threatening the uniqueness of art. Through a critical analysis based on the ideas of authors such as Beech (2019), Sinykin (2023), and Kornbluh (2023), it is discussed how AI, by optimizing creative processes, can align with capitalist demands for productivity, transforming literature into a standardized product. However, it is also understood that AI offers opportunities for creative innovation, allowing writers to experiment with new narrative forms. The challenge is for authors to use AI strategically, preserving their artistic autonomy and preventing technology from becoming a tool for massification.

Keywords: Artificial Intelligence in literature; Literary production; Post-capitalism.

Introdução

O impacto da Inteligência Artificial (IA) na sociedade contemporânea é profundo e multifacetado, transformando setores como saúde, educação, tecnologia, e, agora, a produção artística. A IA, inicialmente vista como uma ferramenta auxiliar para tarefas mecânicas e repetitivas, evoluiu para desempenhar funções criativas, com algoritmos capazes de produzir textos, músicas, pinturas, vídeos e artes de modo geral. Essa nova fronteira tecnológica gera debates intensos sobre os limites da automação e o seu impacto na criatividade humana, especialmente em um contexto de pós-

capitalismo, em que a mercantilização de quase todos os aspectos da vida é cada vez mais evidente.

O surgimento das tecnologias gerativas traz o potencial de impactar profundamente a criação de conteúdo literário. No entanto, uma recente pesquisa da *Wattpad* (2024), intitulada “*Future of Fiction*”, realizada com 1.000 leitores e mais de 250 autores nos Estados Unidos, revela um paradoxo. Enquanto 90% dos entrevistados concordam que as tecnologias de narração moldarão o futuro da leitura, 92% dos participantes afirmam que a participação humana na escrita e produção de livros é essencial. Esse dado reflete uma resistência significativa à completa automatização da literatura, sugerindo que, apesar dos avanços tecnológicos, o papel do autor humano permanece indispensável.

Ainda de acordo com a *Wattpad* (2024), embora a maioria dos autores não tenha integrado a IA ao seu processo criativo, 43% deles demonstram preocupação com o impacto que essa tecnologia pode ter na monetização e publicação de suas obras, temendo uma potencial limitação de oportunidades profissionais. Ao mesmo tempo, 58% dos autores reconhecem alguns benefícios editoriais proporcionados pela IA, como a revisão automatizada de textos, e 45% enxergam utilidade na IA para a criação de arte de capa.

No entanto, uma das questões mais delicadas levantadas pela pesquisa é o impacto da IA sobre a narrativa inclusiva e autêntica. Cerca de 23% dos autores expressam preocupação de que o uso de IA possa minar processos como a leitura de sensibilidade, essencial para garantir a precisão cultural e o respeito às diversas identidades representadas nas histórias. Isso sugere que, embora a IA possa aprimorar aspectos técnicos da produção literária, ela enfrenta limitações quando se trata de capturar nuances culturais e questões de justiça social que exigem uma abordagem humana mais profunda e empática.

O avanço dessas tecnologias ocorre em um momento de profundas transformações econômicas e sociais, com a intensificação das práticas neoliberais e a globalização do mercado cultural. No contexto do pós-capitalismo, em que a busca por eficiência e maximização do lucro predomina, a produção artística também se vê inserida em uma lógica de mercantilização. A produção literária, que já chegou a ser vista como um campo de resistência à economia de mercado, enfrenta agora uma potencial padronização, em que a automação promete acelerar e baratear o processo criativo.

Sendo assim, a relevância deste estudo reside na necessidade de refletir até que ponto a IA pode substituir ou complementar o trabalho criativo humano sem comprometer a autenticidade e a função crítica da arte. Além disso, é crucial discutir o papel da IA na mercantilização da literatura, analisando se a tecnologia fortalece ou enfraquece o controle da indústria cultural sobre a produção artística. Busca-se explorar as tensões entre a autonomia artística e a mercantilização automatizada, examinando o impacto da IA na criação literária e refletindo sobre as implicações dessa transformação no mercado de trabalho criativo.

Diante desse cenário, até que ponto a IA pode contribuir para a criação literária sem reduzir a arte a uma simples mercadoria, comprometendo a originalidade e a complexidade humanas que caracterizam a produção artística? É sobre isso que se pretende discutir, a partir de uma análise crítica de literatura acadêmica e a observação da experiência relatada pela escritora Leanne Leeds (2024) ao utilizar IA em sua produção.

IA e a mercantilização da literatura no pós-capitalismo : resistência ou submissão?

No debate sobre arte e trabalho no pós-capitalismo, Beech (2019) oferece uma perspectiva crítica sobre como a produção artística pode resistir à lógica de mercantilização que permeia o capitalismo. O autor argumenta que a arte, diferentemente de outras formas de trabalho, não se encaixa perfeitamente na estrutura de valor capitalista, uma vez que não produz mercadorias tangíveis e mensuráveis de forma direta, como ocorre na manufatura ou em outros setores industriais. A arte, segundo ele, opera em uma esfera que escapa ao processo clássico de troca mercantil, o que confere à produção artística uma autonomia em relação ao valor de troca típico do capitalismo.

Entretanto, essa autonomia da arte está sendo continuamente ameaçada pelas pressões mercadológicas que tentam transformar o processo criativo em algo eficiente e lucrativo, moldado pelas mesmas forças que governam o trabalho produtivo. No entendimento do autor:

O pós-capitalismo contemporâneo está associado a, pelo menos, quatro transformações na política do trabalho. Primeiro, a política contemporânea do trabalho tipicamente rejeita a luta de classes como a principal lente para a análise do trabalho. Segundo, ela contesta a designação do que é considerado trabalho, que o movimento operário compartilhou com os capitalistas. Terceiro, ela descarta o objetivo anticapitalista romântico de um trabalho mais humano em favor da abolição completa do trabalho. E

quarto, ela estende a agência da exploração para um espectro de agentes em uma política pragmática das múltiplas formas de poder que operam através de raça, gênero e outras 'dimensões de diferença' em uma micropolítica do trabalho (Beech, 2019, p. 45, tradução nossa).

Nesse sentido, Beech (2019) não pensa no pós-capitalismo como uma luta de classes, mas sim como um sistema que envolve outras agendas e movimentos. Percebe-se que o autor não relaciona a superação do capitalismo por algo melhor e, ao mesmo passo, acredita que a emancipação se dará pela recusa do trabalho. Ou seja, ele vê o pós-capitalismo como uma oportunidade para a arte reafirmar a sua resistência à mercantilização, destacando a importância de preservar o valor intrínseco da expressão artística, que não pode ser completamente quantificado ou subordinado à lógica de mercado.

A introdução da Inteligência Artificial (IA) na produção artística, especialmente na criação literária, insere-se de maneira paradoxal nesse contexto. A IA pode ser vista como uma extensão do pós-capitalismo, ao inserir a literatura em um ciclo de produção mais rápido e eficiente, moldado pelas exigências mercadológicas.

A resistência à mercantilização da arte que Beech (2019) defende parece ser desafiada pela IA de duas formas. Primeiramente, a IA introduz uma camada de produtividade e eficiência na criação literária que reflete as demandas do capitalismo por velocidade e otimização. Ao gerar tramas coerentes e estruturas narrativas em questão de minutos, a IA parece alinhar-se com o objetivo capitalista de maximizar o lucro e reduzir custos, ao mesmo tempo que transforma o trabalho criativo em uma mercadoria facilmente replicável. Essa lógica compromete a visão do autor de uma arte que resista à pressão mercantil, pois a produção literária automatizada pode ser moldada diretamente pelos interesses de mercado.

Além disso, a IA, ao gerar conteúdo literário, questiona a própria noção de autoria e originalidade, aspectos fundamentais para a autonomia artística. Cabe destacar que Benjamin (2012) defende que, na reprodução técnica, a autoria perde centralidade, pois a criação passa a ser coletiva e reapropriável. Para o estudioso (BENJAMIN, 2012), a originalidade se enfraquece com a perda da aura, já que a obra deixa de ser única e autêntica, podendo ser reproduzida indefinidamente. A autonomia da arte também é afetada, pois ela se torna mais acessível e integrada ao consumo de massas, podendo ser instrumentalizada politicamente. Assim, Benjamin (2012) vê na

reprodutibilidade um potencial democratizador da arte, rompendo com a sua contemplação elitista.

Trazendo isso para o contexto do uso de IA, se o trabalho criativo pode ser delegado a máquinas, a obra de arte torna-se um produto de um processo mecânico e repetitivo, diluindo a subjetividade do autor. Beech (2019) sugere que o pós-capitalismo deveria ser um momento de emancipação para o artista, em que a produção de arte não estaria subordinada à exploração e à valorização capitalista, mas a introdução da IA na literatura parece seguir um caminho oposto, reforçando a lógica de mercado ao padronizar o que antes era único e inimitável.

Em contraponto, entende-se que a IA também pode ser utilizada de forma subversiva no campo literário, oferecendo aos autores humanos a capacidade de experimentar com novas formas de narrativa e criação, sem necessariamente aderir aos imperativos mercadológicos. Sob essa ótica, a IA poderia colaborar para a resistência à mercantilização ao se tornar uma ferramenta que amplia as possibilidades criativas, em vez de reduzi-las. Tal uso da IA dependeria, entretanto, da autonomia dos artistas em controlar a tecnologia e decidir quando e como utilizá-la, em vez de se tornarem reféns das suas exigências produtivas.

Uma alternativa para tal subversão pode ser vista quando se aplica a metodologia de *machine learning*, que de acordo com Gabriel (2022), permite que um programa ou aplicativo de IA aprenda a partir de dados inseridos pelos programadores. Segundo a autora (GABRIEL, 2022) um programa de *machine learning* é baseado em princípios biológicos, podendo ser treinado a partir de redes neurais que imitam o funcionamento do cérebro humano. Esse tipo de atividade vem sendo muito utilizada por grupos de fãs que criam e recriam narrativas envolvendo as suas obras favoritas na internet. Tal possibilidade foi demonstrada em um recente estudo (FLORES, 2024) que buscou utilizar a IA para dar continuidade a um conto de Machado de Assis.

Por outro lado, é importante considerar que a IA, embora altamente eficiente na criação de conteúdo, ainda carece da capacidade de entender e refletir a complexidade emocional e cultural que permeia a produção literária humana. Ao trabalhar com *machine learning*, por exemplo, de acordo com o *corpus* utilizado como insumo para a IA, ela saberá mais sobre uma cultura em específico, apagando as demais.

A criação literária, enquanto manifestação artística, não se limita à coerência formal ou à elaboração de tramas; ela envolve uma profundidade subjetiva e uma interação com o contexto histórico, social e cultural que a IA, até o momento, não é capaz de captar plenamente. Assim, a resistência à mercantilização que Beech (2019) defende pode encontrar nas limitações da IA um aliado inesperado: a própria incapacidade da tecnologia de reproduzir a experiência humana em toda a sua riqueza pode preservar a singularidade e o valor intrínseco do trabalho literário.

Em outras palavras, a discussão de Beech (2019) sobre a arte no pós-capitalismo e a sua resistência à mercantilização encontra eco na reflexão sobre o papel da IA na produção literária. Enquanto a tecnologia pode, em certos aspectos, facilitar a mercantilização da arte ao aumentar a produtividade e alinhar a criação literária às demandas de mercado, ela também pode ser vista como uma ferramenta que, se usada criticamente, pode reforçar a autonomia artística e expandir as fronteiras da criação.

Entende-se que as tecnologias de IA já estão disponíveis e, muito provavelmente, não regridirão, pelo contrário, desenvolver-se-ão cada vez mais. Logo, é praticamente impossível que autores literários e indivíduos de qualquer outra área da produção artística e do mercado de trabalho, de modo geral, “nadem contra a corrente”, sendo essa uma hipótese quase utópica. O desafio, nesse cenário, é encontrar um equilíbrio entre a utilização da IA como recurso criativo e a manutenção da resistência contra a sua potencial instrumentalização pelas forças capitalistas, assegurando que a arte, mesmo em um contexto automatizado, mantenha o seu caráter de contestação e originalidade.

Dando sequência à discussão sobre a resistência à mercantilização no pós-capitalismo, em que a arte tenta escapar da lógica de produtividade capitalista, o uso da IA para automatizar a produção literária insere uma nova camada de complexidade.

A IA, ao se introduzir no trabalho intelectual, parece reforçar a mercantilização ao oferecer uma forma de criar literatura de maneira eficiente, rápida e direcionada para atender às demandas do mercado. Ao mesmo tempo, surgem questões sobre se essa automação abre espaço para a inovação criativa ou se, ao contrário, ela restringe a produção literária a padrões previsíveis e comerciais, esvaziando o trabalho de sua profundidade artística.

Como discutido, na visão de Beech (2019), a arte no pós-capitalismo deveria resistir à mercantilização e à lógica de mercado, buscando uma autonomia criativa que transcende o valor de troca. No entanto, ao entrar no campo da literatura, a IA pode comprometer essa autonomia ao transformar a escrita em um processo industrializado, alimentado por algoritmos que otimizam a produção literária para maximizar o consumo e o lucro. A automação do trabalho intelectual, como no caso da produção literária, ameaça transformar a criação em mais uma etapa de uma cadeia produtiva mercantil, reduzindo o espaço para a originalidade e a inovação.

Ao discutir tal tema, Perlow (2024) argumenta que os modelos de linguagem de grande escala (LLMs) desafiam as distinções tradicionais entre ciências exatas e humanidades, tornando a produção textual computável e exigindo novas abordagens críticas. Para o autor (PERLOW, 2024), embora a opacidade desses modelos dificulte sua compreensão, eles reforçam ideias pós-estruturalistas sobre a linguagem como um sistema que molda o pensamento.

Sendo assim, além de levantarem questões sobre estética, autoria e valor literário, os LLMs intensificam desafios sociais como desinformação e viés algorítmico, mas suas implicações políticas são muitas vezes tratadas de maneira reacionária, especialmente no debate sobre propriedade intelectual. Perlow (2024) sugere que, em vez de resistir à IA, as humanidades devem incorporar sua análise crítica, repensando conceitos de criatividade, subjetividade e tecnologia.

Um exemplo concreto disso pode ser observado na experiência da autora Leanne Leeds, que declaradamente utiliza IA em seu processo criativo, mas de forma cautelosa. Em seu site pessoal (LEEDS, 2024), ela afirma que, embora a IA, como o modelo *Claude* da *Anthropic*, ajude-a a variar frases e a manter o fluxo de escrita, isso não acelerou significativamente a produção de seus livros.

Leeds (2024) também afirma que, mesmo utilizando ferramentas de IA, mantém controle sobre o processo criativo. Tal declaração revela um ponto importante: na visão dessa artista, a IA, por si só, pelo menos por enquanto, não garante maior criatividade ou eficiência; ela é, na verdade, um recurso que pode ser utilizado de forma complementar, sem substituir a intuição humana. No entanto, a autora também reconhece as implicações éticas e jurídicas do uso da IA, admitindo que essa é uma “nova fronteira” e que o impacto da IA na produção literária está longe de ser plenamente compreendido.

É interessante destacar que usar a IA como recurso poético "desvirtua", por assim dizer, a sua relação intrínseca com o trabalho. Tira ela do seu lugar original para pô-la em outra esfera, tecnologicamente falando. A grande questão é que a IA é concebida justamente para substituir o humano nas suas tarefas. Consequentemente, esse uso "desvirtuado" não modifica a concepção de que o trabalho artístico é de outra natureza e, por isso, sendo autenticamente humano, não pode ser trocado pela IA.

Apesar dessa visão mais equilibrada, há um risco iminente de que o uso de IA, mesmo quando aplicado de forma crítica por autores, como Leeds, torne-se uma ferramenta amplamente adotada por editoras com o objetivo de massificar a produção literária. Isso vai ao encontro do que Sinykin (2023) discute em *Big Fiction*, em que ele argumenta que a indústria literária, no contexto do pós-capitalismo, já está orientada para maximizar a eficiência e atender a demandas de mercado em larga escala.

A IA se encaixa perfeitamente nesse modelo de produção, oferecendo uma maneira de gerar conteúdo que atende às preferências de um público-alvo específico, baseado em dados e padrões de consumo previamente estabelecidos. A criação de ficção em grande escala (ou *big fiction*) pode ser facilitada pela IA, que consegue replicar fórmulas de sucesso, mas, ao fazer isso, limita a capacidade da literatura de inovar e desafiar as expectativas dos leitores. Isso se intensifica ainda mais quando os autores não têm o letramento digital necessário para utilizar os novos recursos tecnológicos de modo estratégico, para que eles sirvam realmente como uma ferramenta auxiliar, mas não como algo que padroniza ou molda o seu trabalho de acordo com as necessidades do mercado.

A ideia de automação da criatividade também é problematizada por Kornbluh (2023) em *Immediacy*. Nessa obra, a autora explora dinâmicas culturais e estéticas que chama de "imediatismo" — um estilo característico do pós-capitalismo. O imediatismo reflete a negação da mediação, em que as representações são minimizadas em favor da rapidez, da presença direta e da instantaneidade. Esse fenômeno se manifesta em diversos aspectos da cultura contemporânea, incluindo arte, política e economia, em que tudo é feito para reduzir intermediários e promover a fluidez e a conexão imediata.

A partir do entendimento de Kornbluh (2023), podemos inferir que a Inteligência Artificial (IA) insere-se na literatura contemporânea como um reflexo da tendência de imediatismo que ela identifica na cultura. A autora

argumenta que o estilo de "imediatismo" é caracterizado pela redução de mediação, pela ênfase na velocidade e pela dissolução das fronteiras entre representação e experiência direta.

Na literatura, a IA pode ser vista como uma ferramenta que intensifica essa dinâmica. Ela facilita a produção automatizada e acelerada de textos, atendendo à demanda por conteúdos rápidos e diretos, sem a necessidade dos processos tradicionais de criação literária, que envolvem tempo, reflexão e mediação humana. Além disso, a IA pode ser utilizada para criar narrativas que se adaptam em tempo real ao leitor, eliminando o distanciamento entre autor e audiência, característica que Kornbluh (2023) associa ao imediatismo.

Ao mesmo tempo, a IA na literatura também exemplifica a crise da representação que Kornbluh (2023) discute, em que a criação literária passa a ser não apenas um produto artístico, mas uma mercadoria de circulação rápida e contínua. A IA, ao gerar textos a partir de algoritmos, pode reduzir o espaço para a complexidade da narrativa, focando mais na funcionalidade e na eficiência do que em formas de mediação e reflexão profundas.

Ou seja, sob a ótica de Kornbluh (2023), pode-se entender que a IA reforça uma narrativa comercial, que pode ser amplamente replicada e consumida, mas que carece de profundidade estética e complexidade cultural. Esse ciclo de automação e consumo coloca em risco o valor artístico da literatura, que, segundo Beech (2019), deveria resistir à mercantilização para preservar sua função crítica e autônoma.

Porém, não se pode negar que a IA também oferece oportunidades para a experimentação criativa. Autores que a utilizam de forma estratégica podem explorar novas estruturas narrativas e linguagens, utilizando a tecnologia como uma ferramenta para ampliar as próprias capacidades. Leeds (2024), por exemplo, diz usar a IA para explorar variações linguísticas que talvez não surgissem de forma natural. No entanto, essa abordagem pragmática exige que o autor permaneça no controle do processo criativo, utilizando a IA como um suporte e não como substituto.

A questão central que emerge desse cenário é se a IA, ao automatizar o trabalho intelectual, está gerando inovação ou, ao contrário, reproduzindo padrões pré-existentes que atendem ao mercado. O risco, conforme a interpretação das hipóteses levantadas por Sinykin (2023) e Kornbluh (2023), é que a IA se torne uma ferramenta de massificação, em que a produção literária seja moldada por algoritmos que replicam fórmulas de sucesso para

maximizar o lucro, minando a capacidade da literatura de surpreender, inovar e desafiar normas culturais. Nesse sentido, a IA parece mais próxima de uma ferramenta de reprodução em massa do que de um mecanismo de emancipação criativa.

Em outras palavras, a automação do trabalho intelectual na literatura, por meio da IA, apresenta uma dualidade complexa. Por um lado, ela oferece aos autores novos recursos para experimentação e variação criativa. Por outro, há um risco real de que essa automação seja cooptada pelas demandas capitalistas por produtividade e eficiência, resultando na criação de conteúdos literários padronizados e direcionados ao consumo rápido.

Considerações sobre o futuro da literatura em um cenário dominado pela IA

A discussão sobre o impacto da Inteligência Artificial na literatura revela uma dualidade essencial: de um lado, o potencial inovador da IA para transformar o processo criativo, e de outro, as ameaças à autonomia artística e à originalidade, aspectos fundamentais da produção literária. À medida que a IA se torna mais sofisticada e integrada aos processos de criação, torna-se evidente que o futuro da literatura passará por um cenário híbrido, em que humanos e máquinas colaboram, mas também competem pelo espaço criativo.

Ao olharmos para o futuro, é provável que a IA continue a evoluir, criando textos cada vez mais complexos e ajustados às demandas do mercado. Algoritmos capazes de analisar preferências do público, padrões de consumo e tendências culturais podem resultar em uma produção literária altamente personalizada, que responda rapidamente aos interesses dos leitores. Isso pode gerar um paradoxo: ao mesmo tempo que a literatura se torna mais acessível e customizável, ela corre o risco de se tornar menos desafiadora e previsível, presa a fórmulas de sucesso geradas por dados.

Neste cenário, os autores enfrentarão desafios crescentes para manter a relevância e a autonomia criativa. Para garantir que a literatura continue sendo uma forma de expressão artística autêntica, os escritores precisarão desenvolver novas estratégias de resistência. Uma dessas estratégias pode ser o uso crítico e consciente da IA como uma ferramenta que expande as possibilidades criativas, sem permitir que a tecnologia defina os limites da criação. Em vez de delegar a autoria totalmente à IA, os escritores podem usar

essas ferramentas para explorar novas narrativas, “brincar” com a linguagem e romper com as expectativas do mercado.

Acredita-se que a autonomia artística no futuro dependerá da habilidade dos autores em dominar a tecnologia, em vez de serem dominados por ela. Aqueles que conseguirem entender as nuances da IA e suas limitações, além de integrar de forma criativa a tecnologia ao processo literário, terão maiores chances de preservar a originalidade de suas obras. Além disso, a capacitação digital e o letramento em IA serão essenciais para que os autores não fiquem à mercê de padrões mercadológicos impostos por algoritmos.

Também, à medida que a IA assume um papel central na criação literária, o debate sobre a ética no uso dessas tecnologias se torna inescapável. Um dos principais dilemas éticos que emergem é a questão da autoria e do reconhecimento do trabalho criativo. Se uma obra literária é, em grande parte, gerada por um algoritmo, quem deve ser considerado o verdadeiro autor? A valorização da autoria humana, com suas experiências e subjetividades, ainda é uma dimensão central na apreciação da literatura. Portanto, o uso da IA deve ser claramente comunicado ao público, com a transparência necessária para distinguir o que é resultado de uma criação puramente humana e o que foi auxiliado por algoritmos. Autores como Leanne Leeds já adotaram essa postura.

Outro aspecto ético relevante é o risco de uniformização cultural. Se os algoritmos forem amplamente utilizados para otimizar a produção literária, existe o perigo de que as histórias sejam moldadas apenas por parâmetros de sucesso comercial, suprimindo a diversidade de vozes e narrativas que são essenciais para a riqueza da literatura. A IA, quando treinada em grandes volumes de dados, tende a reproduzir padrões majoritários, correndo o risco de reforçar estereótipos ou ignorar perspectivas minoritárias. Para mitigar esse problema, a curadoria e supervisão humanas continuarão sendo essenciais, garantindo que a literatura permaneça sendo um espaço para a exploração de diferentes realidades e visões de mundo.

Por fim, a ética no uso da IA também envolve o questionamento dos limites da automação na arte. Embora a IA possa ser uma ferramenta poderosa, até que ponto é aceitável que ela substitua o trabalho humano na criação artística? Em uma era de crescente mercantilização da cultura, a literatura precisa manter sua função crítica e reflexiva, resistindo à transformação em um produto meramente comercial. Isso significa que o uso da IA na literatura deve ser

conduzido com responsabilidade, com um equilíbrio entre a inovação tecnológica e a preservação dos valores culturais e artísticos.

O futuro da literatura em um mundo cada vez mais automatizado depende não apenas da evolução da IA, mas também das escolhas que autores, editores e a indústria cultural farão. A literatura tem o potencial de se beneficiar enormemente das novas tecnologias, mas sua essência criativa e transformadora deve ser protegida. Para que a arte continue a resistir à mercantilização, será necessário encontrar um equilíbrio entre o uso da IA como ferramenta auxiliar e a preservação da autonomia artística, garantindo que a produção literária mantenha um caráter único, subjetivo e profundamente humano.

Em última análise, o papel da ética será central nesse processo. A maneira como a IA é utilizada determinará se ela servirá para libertar os autores de limitações tradicionais, abrindo novas fronteiras criativas, ou se, ao contrário, contribuirá para a padronização e massificação da literatura. A decisão de como integrar essas tecnologias ao campo literário cabe aos autores, que devem se manter críticos e conscientes do impacto que suas escolhas terão sobre o futuro da arte. E, é claro, a forma como se relacionam com os líderes do mercado editorial, que podem ou não impor limites e obrigações sobre a literatura que está sendo produzida.

Bibliografia

BEECH, Dave. **Art and postcapitalism**: aesthetic labour, automation and value production. Londres: Pluto Press, 2019.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica**. Porto Alegre: Zouk, 2012.

FLORES, Lucas Soboleswki. Máquina Machadiana: a produção literária com recursos de Inteligência Artificial (IA). **Brasil/Brazil**. Porto Alegre, v. 37, n. 74, p. 103-121, 2024.

GABRIEL, Martha. **Inteligência Artificial**: do zero ao metaverso. Barueri, SP: Atlas, 2022.

KORNBLUH, Anna. **Immediacy**: or the style of too late capitalism. Nova York: Verso, 2023

LEEDS, Leanne. Artificial intelligence in fiction. **Leanne Leeds**, 12 jun. 2024. Disponível em: <<https://leanneleeds.com/artificial-intelligence-in-fiction/>>. Acesso em: 12 set. 2024.

PERLOW, Seth. Generative theories, pretrained responses: large AI models and the humanities. **Publications of the Modern Language Association of America**, v. 139 n. 3, 2024. Disponível em: <<https://www.cambridge.org/core/services/aop-cambridgecore/content/view/580FDCD97B52C902A6328DA9F3D5FFE6/S0030812924000518a.pdf/generative-theoriespretrained-responses-large-ai-models-and-the-humanities.pdf>>. Acesso em: 16 mar. 2025.

SINYKIN, Dan. **Big fiction**: how conglomeration changed the publishing industry and american literature. Nova York: Columbia University Press, 2023.

THE FUTURE OF FICTION: Wattpad research reveals generational shift in reading habits, skepticism of ai in publishing. **Wattpad**, 9 jan. 2024. Disponível em: <<https://company.wattpad.com/blog/the-future-of-fiction-wattpadresearch-reveals-generational-shift-in-reading-habits-skepticism-of-ai-in-publishing>> Acesso em: 9 set. 2024.

Recebido em: 18/02/2025

Aceito em: 22/05/2025